



## XVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC)

*La Comunicación como Bien Público Global:*

*Nuevos lenguajes críticos y debates hacia el porvenir*

**Buenos Aires, Argentina, 26 al 30 de septiembre de 2022**

Organizan

- ❖ Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC).
- ❖ Federación Argentina de Carreras de Comunicación Social (FADECCOS).

### **Ponencia presentada al GT 1: Comunicación Intercultural y Folkcomunicación / Comunicação Intercultural e Folkcomunicação**

#### **Processos comunicacionais e poéticas antropofágicas em narrativas contemporâneas**

Anthropophagic communicational and poetic processes in contemporary narratives

Míriam Cristina Carlos Silva <sup>1</sup>

**Resumo:** As reflexões advindas da rememoração dos 100 anos da Semana de Arte Moderna (2022) apontam para a necessidade de uma revisão crítica sobre o legado do modernismo brasileiro, com foco em um de seus desdobramentos (e sua contraposição): o conceito de Antropofagia, na ótica de Oswald de Andrade. Situamo-nos no campo da comunicação e cultura; sob este escopo, questionamos em que medida a ideia de antropofagia pode contribuir para as discussões epistemológicas e metodológicas no campo da comunicação, em contexto internacional, bem como se, na práxis comunicacional, podemos experimentar a poética antropofágica para a análise e para a produção de narrativas midiáticas contemporâneas. O trabalho se justifica ao revisitar e problematizar a produção acadêmica sobre o tema, não apenas a fim de utilizá-la como aparato teórico e metodológico para as pesquisas em comunicação, mas, sobretudo, ao propor um olhar decolonial, que discute a pertinência da antropofagia como chave de análise, interpretação e produção de narrativas,

---

<sup>1</sup> Míriam Cristina Carlos Silva. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil, [miriamcriscarlos@gmail.com](mailto:miriamcriscarlos@gmail.com).



entendidas como processos mediadores e como formas de apresentação, crítica e construção de alteridades.

**Palavra-chave:** antropofagia; comunicação e cultura; metodologias da comunicação.

**Abstract:** The reflections resulting from the recollection of the 100th anniversary of the Week of Modern Art (2022) point to the need for a critical review on the legacy of Brazilian modernism, focusing on one of its consequences (and its opposition): the concept of Anthropophagy, from the perspective of Oswald de Andrade. We are in the field of communication and culture; under this scope, we question the extent to which the idea of anthropophagy can contribute to epistemological and methodological discussions in the field of communication, in an international context, as well as whether in the communicational praxis, we can experience anthropophagic poetics for the analysis and production of contemporary media narratives. The work is justified by revisiting and problematizing academic production on the subject, not only in order to use it as a theoretical and methodological device for communication research, but, above all, by proposing a decolonial look, which discusses the pertinence of anthropophagy as a key of analysis, interpretation and production of narratives, understood as mediating processes and as forms of presentation, criticism and construction of otherness.

**Key words:** anthropophagy; communication and culture; communication methodologies.

## Introdução

Em ocasião das comemorações dos 100 anos da Semana de Arte Moderna (2022), inúmeras publicações acadêmicas e jornalísticas (Andrade, 2022) retomaram temas relacionados à estética, à identidade nacional, à ética, à cultura e seus desdobramentos, em publicações científicas e em debates públicos, que vão da institucionalização de um ideário de arte moderna, construída sob a liderança de Mário de Andrade em São Paulo (Botelho,



2020), passando pela contestação daquilo que Ruy Castro chamou de mitos da modernidade – como na polêmica entrevista do escritor ao programa Roda Viva (2022), da TV Cultura, em 7 de fevereiro de 2022.

Na entrevista, em livro recente e em artigos jornalísticos publicados em fevereiro, Castro minimiza a importância do movimento paulista e fomenta uma discussão que parece se utilizar da mesma tônica que o próprio movimento utilizou no evento realizado no Teatro Municipal de São Paulo – a polêmica, que, no caso de Castro, pode ter funcionado como estratégia de *marketing* sobre sua produção acerca do tema.

Neste contexto de revisitação do ideário da modernidade brasileira, foco na proposta construída por Oswald de Andrade no Manifesto Antropófago (publicado na primeira edição da Revista de Antropofagia). Inspirados por um quadro de Tarsila do Amaral, O Abaporu, Raul Bopp e Oswald de Andrade iniciam uma discussão cuja permanência e atualidade ainda podem ser constatadas.

A antropofagia oswaldiana aqui é vista como não apenas um desdobramento do movimento modernista, mas como uma contraposição, um primeiro aceno pós-moderno em terras brasileiras, mas que ultrapassa aquilo que depois se denominou como pós-modernismo, pois se trata de uma proposta exigente de abertura e reformulação contínua, consciente de uma busca por experimentações, que se desvinculam de propostas unívocas, ao modo de uma escola. Mais do que uma proposta estética, o Manifesto Antropófago significa um diagnóstico seguido de um prognóstico da realidade brasileira, o que faz de Oswald de Andrade um pensador da cultura, proponente do que podemos chamar de uma primeira visada decolonialista.



Assim, o Manifesto Antropófago propõe, inspirado na prática antropofágica brasileira, pensar o Brasil em uma relação de devoração vingativa, na qual o colonizador é não apenas assimilado, mas digerido criticamente (Andrade, 1992; 2011).

As discussões contemporâneas sobre a Semana de 1922 e seus desdobramentos, dentre os quais creditamos a ideia da antropofagia oswaldiana como uma das mais permanentes e significativas, ora reafirmam a importância do movimento na compreensão da cultura brasileira, de forma quase laudatória, ora suscitam críticas e polêmicas, as quais revisam a construção de uma ideia de modernidade a partir do grupo de São Paulo, demonstrando a pré-existência do moderno em outros espaços geográficos brasileiros e, ainda, trazem à tona parte fundamental desse processo de reavaliação do passado, ao dialogarem, em perspectiva síncrono-diacrônica, com as reivindicações do presente, no qual a ética, atrelada à estética, permite relatar apagamentos, apropriações, visões eurocêntricas e propor outras metodologias, em processos decoloniais, que buscam uma compreensão dos fenômenos em palimpsesto (Silva, 2010; Azevedo, 2018), o pergaminho medieval que era subsequentemente apagado e reescrito e indica a necessidade de se considerar as múltiplas camadas de que as narrativas são compostas, em um esforço para se restaurar aquilo que foi aparentemente subtraído ou substituído, mas que pode oferecer outras alternativas para a compreensão da cultura.

Desta forma, nosso objetivo geral, presente em uma pesquisa de amplitude maior, da qual este artigo é um primeiro recorte, é o de realizar uma revisão sobre teorias e / ou conceitos trabalhados pela pesquisadora por mais de duas décadas na área da comunicação, a saber: desde a dissertação em 1999 (Silva, 2009), à tese defendida em 2004 (Silva, 2007), assim como em livros, capítulos e artigos publicados. Com esta revisão, busco observar adensamentos e correções das reflexões iniciais, que agora são novamente



problematizadas, sob a luz das reivindicações sociais contemporâneas e das contribuições desenvolvidas pelos pares da área da comunicação.

A revisão bibliográfica dá lastro ao desenvolvimento do objetivo específico, a fim de questionar sobre a pertinência da antropofagia como chave de interpretação e identificação da produção cultural brasileira no cenário contemporâneo, no qual ainda se reivindicam reparações históricas necessárias às culturas ameríndia e afro-brasileira, 100 anos após a Semana de Arte Moderna.

Em síntese, propomos: a sistematização do aparato teórico da antropofagia de Oswald de Andrade, sob um viés comunicacional, a ser não apenas apresentado, mas também revisado em sua dimensão estética, ética e política. Por último, proponho a antropofagia como metodologia para uma pesquisa exploratória e para a análise de processos midiáticos, com foco em narrativas contemporâneas, a partir das quais busco refletir sobre a relevância e a existência (e resistência) – ou não – de uma poética antropofágica contemporânea baseada na alteridade, bem como se essa se demonstra capaz de ou propensa a, sem perder o horizonte crítico, ético e político, auxiliar na compreensão da diversidade, da heterogeneidade, da complexidade e na (re) elaboração criativa dos processos culturais, especialmente, dos midiáticos brasileiros, em diálogo com o cenário global.

### **A antropofagia sob a visão de Oswald de Andrade**

A Semana de Arte Moderna no Brasil se constituiu como um marco referencial da modernidade brasileira, o que, em seu centenário, trouxe inúmeros questionamentos, tais como os realizados por Ruy Castro, que incluem acusações de racismo, antissemitismo e homofobia a Oswald de Andrade (Veiga, 2022). Somam-se às acusações (um tanto levianas



por parte de Castro, quando se aprofunda a compreensão da obra e da vida de Oswald de Andrade) cobranças, ainda que extemporâneas, sobre a ausência das mulheres, negros, indígenas e da arte popular (Veiga, 2022). Ainda que anacrônicas, as ausências merecem ser problematizadas sob um olhar diacrônico, que, no caso desta pesquisa, volta-se para a pertinência e atualidade de um desdobramento específico do movimento modernista, o conceito de antropofagia e sua potência epistemológica e metodológica.

Sobre a persistência da polêmica, já presente na realização da Semana, é prova de seu impacto e justifica novas discussões, mais contemporâneas, a exemplo das afirmações de Castro sobre a imprensa da época ter ignorado o evento (Veiga, 2022). É fato que a modernidade brasileira se constitui em um processo muito mais complexo do que a realização da festa paulistana, com elaborações anteriores, em espaços distintos e com muitos desdobramentos heterogêneos, tanto no campo político como no estético.

A modernidade não chega ao Brasil por meio da Semana e tampouco por São Paulo, ainda provinciana e em estado inicial de industrialização na década de 20. A Semana modernista foi o evento culminante, fruto de ações que já se engendravam há pelo menos cinco anos de sua realização. Além disso, contou com a participação de artistas do Rio de Janeiro, como é o caso de Villa-Lobos, cuja obra já era moderna. Veiga (2022, s./p.) menciona a crítica presente no livro do pesquisador Tragtenberg, que aponta a modernidade no Rio de Janeiro, anterior à Semana, e questiona a ausência da música popular no evento paulista:

Na música, Tragtenberg também censura a ausência da vibrante cena que já ocorria no Rio de Janeiro. O autor do livro *O que se ouviu e o que não se ouviu na Semana de 22* aponta que na então capital do país havia "um desenvolvimento de uma riqueza de misturas e de interações muito anteriores à Semana de 22". "Já se misturava a música de salão europeia



com a música dos negros e a que se fazia nos bares e cafés. Quando a Semana estava acontecendo, Pixinguinha [1897-1973] era presença em Paris, exportava a música feita aqui, antes do [Heitor] Villa-Lobos [(1887-1959), que participou do evento]."O compositor salienta que "nem passou pela cabeça daqueles que organizaram a Semana considerar a música popular". E, nesse sentido, ficaram de fora, além de Pixinguinha, nomes como Donga (1890-1974) e João da Baiana (1887-1974).

Desta forma, os questionamentos realizados pela Academia e pela Imprensa sobre a Semana de Arte Moderna, na ocasião do Centenário, sobre sua valorização como marco fundante da cultura brasileira, demonstram o quanto esta pode ser percebida como construção, creditada, em alguma medida, às conferências realizadas por Mário de Andrade em 1942; mas, também, empreendida por intelectuais da USP, tais como Antonio Cândido, que fez do evento objeto de análise e crítica literária, consolidando o movimento modernista em um cânone da Teoria Literária Brasileira. A estes fatos, cabe acrescentar pesquisas realizadas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, liderados por Haroldo de Campos e Décio Pignatari, sucedidas por seus alunos e / ou orientandos em pesquisas de mestrado e doutorado, além da montagem do acervo de Oswald de Andrade, na Unicamp, da produção intelectual de Benedito Nunes, no Pará, e pesquisas na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o que demonstra a estreiteza de se creditar a construção do marco apenas aos esforços institucionais de Mário de Andrade e dos intelectuais da Universidade de São Paulo, como aparece em vários textos acadêmicos e da imprensa.

Maria Eugênia Boaventura realiza um estudo aprofundado sobre o impacto da Semana na imprensa, especialmente a paulista. Ela afirma que: "A valorização desse minuto delirante de remodelação artística torna-se muito artificial ao se colocar o evento como fato mais importante do modernismo" (Boaventura, 2000, p. 16). Boaventura destaca a persistência no tempo dessa ênfase ao evento: "Ainda hoje o alcance dessa rebelião



estética é erroneamente confundido com o barulho dos dias de festa, ficando desfocadas as iniciativas daquela fase de preparação, na qual se esboçou o traçado do ideário estético do modernismo” (Boaventura, 2000, p. 16), o que diverge da avaliação da historiadora Maíra Rosin Camargos, quando afirma em entrevista para Veiga (2022, s./p.) que o evento foi realizado às pressas, de improviso, o que teria resultado nas ausências hoje cobradas:

Camargos relativiza a questão: para ela, o fato de o festival ter sido organizado às pressas, "sem uma curadoria séria", explicaria os "pequenos deslizes, como a falta do elemento popular e a questão de gênero". "Isso, a gente debita na conta do improviso, porque foi uma coisa improvisada, pensada do dia para a noite".

Sobre o improviso do evento, não é possível concordar. Entre os marcos antecedentes da Semana, pode-se destacar o impacto da produção de Anita Malfatti realizada em São Paulo entre 12 de dezembro de 1917 e 11 de janeiro de 1918, que resultou na severa e conhecida crítica de Monteiro Lobato. “A boba” e “O homem amarelo” são quadros de Anita realizados entre 1915 e 1916; ambos possuem características modernas, relacionadas ao expressionismo alemão e tomadas como principal alvo dos comentários negativos daqueles que não estavam preparados para a recepção das obras, dramáticas no uso das cores e das formas não realistas. As críticas de que Anita foi alvo persistiram quando da realização da Semana, como apontado por Boaventura no livro “22 por 22”. O evento recebeu ataques virulentos de críticos como Oscar Guanabarro: “Em música são ridículos, na poesia são malucos e na pintura são borradores de tela” (Boaventura, 2000, p. 25). Esses ataques foram estendidos também a artistas hoje considerados referenciais na arte brasileira, tais como Di Cavalcanti e Villa-Lobos. Sobre Di Cavalcanti: “É um menino vicioso. Que faz coisas feias pelos cantos da arte, de onde será enxotado a correíadas” (Ibidem). E



sobre Villa-Lobos: “procura esconder nessa ausência de bom senso de suas partituras, o que lhe falta em estudos de harmonia, o que lhe falece em inspiração” (Boaventura, 2000, p. 25). Nota-se o conteúdo agressivo, mas também subjetivo, vago e sem embasamento ou profundidade argumentativa no campo da arte e da estética.

É controversa a relação entre a realização da Semana e sua intenção de renovação das artes. Como movimento cultural, buscou refletir sobre e propor uma estética da identidade brasileira. O movimento tornou-se a voz mediadora dessa identidade cultural, pelo esforço de institucionalização da cultura, por parte de Mário de Andrade, como já mencionado, que posteriormente ocupou o cargo de diretor-fundador do Departamento de Cultura de São Paulo. Mas a busca por mudanças já vinha sendo gestada anos antes do evento, que, de forma controversa, esteve atrelado ao Estado, já que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo, financiado por oligarcas paulistas, como parte das comemorações do Centenário da Independência, com conferência de abertura realizada por Graça Aranha, diplomata, cuja obra não possuía características modernas. Ademais, a Semana conjugou artistas diversos, sem um viés coerente.

Portanto, se a Semana foi e é tema de debates polêmicos, e se grande parte de seu legado ainda se faz presente como marca da cultura brasileira, é importante rever os acontecimentos de 1922, não ignorando os possíveis anacronismos, mas para propiciar correções e destacar papéis, tais como o da presença das mulheres, negligenciada inclusive na conhecida fotografia oficial do evento, que registrou como realizadores um grupo de homens, que era a grande maioria. Além de Anita Malfatti, participaram do evento Zina Aita, Regina Graz e Guiomar Novaes, pianista já consagrada à época e não exatamente moderna. Sobre Regina Graz, destaca-se a contribuição pioneira para o Design brasileiro, já que, em 1923, realizou pesquisa sobre tecelagem indígena do Alto Amazonas.



A Semana marca, portanto, uma série de esforços anteriores. Ao mesmo tempo em que destaca o combate a valores estéticos importados, alinha-se à modernização das artes via vanguardas europeias, mas com um esforço de combinação entre os materiais de renovação europeus e a busca por uma identidade brasileira, como fazem os Manifestos da Poesia Pau-brasil (1924) e, de forma mais contundente, no Manifesto Antropófago (1928).

### Poética antropofágica

A Semana de Arte Moderna teve desdobramentos que, em alguma medida, significaram um engessamento, que se deslocou da vontade de renovação para uma espécie de padrão da arte e da brasilidade. É preciso mencionar, ainda, a sua vertente ufanista, conservadora e autoritária, materializada no Integralismo de Plínio Salgado. Oswald de Andrade propõe, então, em 1928, a ideia de Antropofagia, como metáfora da devoração crítica do alheio. Como tônica da antropofagia, está o uso do humor: “A alegria é a prova dos nove”, por meio da paródia, que propunha colocar em relação o arcabouço de origem europeia e o amálgama de culturas que formam a brasilidade, em especial, a indígena e a africana. O significado da antropofagia está na necessidade permanente de abertura, compreendendo que a mobilidade é o que aquece a cultura:

... Convém destacar que a antropofagia, tanto no sentido literal como metafórico, não recusa a existência do conflito, senão que implica a necessidade de luta. Recusa sim confundir o inimigo com puro ato de vingança. A antropofagia é uma experiência cujo oposto significaria a crença em um limpo e mítico conjunto de traços, do qual a vida presente de um povo haveria de ser construída. De sua parte, o Manifesto se origina da busca dessa experiência renovada, que se fundaria na incorporação da alteridade. De acordo com as metas do Manifesto, essa incorporação agiria ao mesmo tempo nos planos pessoal e social (Lima, 1991, p. 26-27).



Defendo a antropofagia como aceno para uma perspectiva decolonialista, pois se tratou de, sem negar a influência do europeu, o que seria impossível, propor outras possibilidades para pensar a cultura, bem como para contar a história do Brasil, re-tecendo as narrativas a partir do olhar e das práticas culturais daqueles que já habitavam Pindorama.

É neste sentido que Oswald de Andrade traz para o manifesto o ritual de devoração tupinambá, por seu caráter dialógico e aberto, que entende que a cultura só sobrevive da ingestão do alheio, mas em processo crítico e criativo, que pretende diminuir assimetrias entre culturas hegemônicas e subalternizadas.

Além da perspectiva epistemológica, que permite olhar para a cultura brasileira de forma ampliada, a partir de formas de convivialidade ameríndias, a antropofagia, sob o viés oswaldiano, pressupõe uma potência poética, ou seja, uma proposta de ação renovadora sobre o mundo, visto em sua complexidade, por meio da qual os materiais existentes nas culturas se influenciam mutuamente, ressaltando-se a necessidade de que o processo não seja de simples assimilação ou de domínio / apropriação de uma cultura sobre outra, mas que haja uma espécie de vingança criativa, como no rito tupinambá, em que o dominador é tomado, familiarizado, estranhado e finalmente devorado comunitariamente.

Esse processo foi descrito por Oswald de Andrade tanto no Manifesto Antropófago quanto no tratado filosófico A Crise da Filosofia Messiânica. Note-se que, em relação ao Manifesto, muitas vezes grafado como Manifesto Antropofágico, o uso de “Antropófago” não é aleatório. O próprio Manifesto, em seu processo de tessitura textual e referencial é composto por uma linguagem entrecortada, poética e semelhante à das narrativas ameríndias, tecido como uma colcha de retalhos, com referências que passam por influências europeias como as de Montaigne e Freud, costuradas às narrativas ameríndias



e menções à cultura brasileira de matriz africana, com a citação de um verso da letra de um samba da época.

Com a ideia de antropofagia tecida a partir de múltiplas referências, Oswald de Andrade oferece uma proposta para se pensar a cultura brasileira, mas também para se construir processos artísticos, culturais e midiáticos de forma acolhedora das diferenças, criativa e aberta, que convida a uma contínua experimentação de linguagens e de formas, na qual a única premissa a ser continuada é a da mistura, convite a um humano em devir.

### **Considerações**

Ao rever a Semana de Arte Moderna, 100 anos depois, o que se constata é que a importância do movimento não está nos dias barulhentos da festa, mas em sua longa elaboração, que reuniu em um mesmo objetivo e questionamentos um grupo diversificado e controverso na proposta ética e estética, além de todos os desdobramentos, entre os quais se destacam os esforços de pesquisa e institucionalização da cultura e das artes, por Mário de Andrade, e a proposta antropofágica de Oswald de Andrade, composta como contraponto às primeiras ideias modernistas, por tomar as narrativas ameríndias pela perspectiva não do bom-selvagem, mas pela potência de vingança-criativa, o que significa um aprofundamento crítico no que diz respeito à presença ameríndia e africana, na relação com o europeu, ao se tratar a cultura brasileira. A antropofagia auxilia a se pensar tanto o ideário modernista quanto a própria história do Brasil como invenções, pois faz lembrar a necessidade de reconhecer as nações pan-indígenas que já habitavam estas terras por, pelo menos, 500 séculos antes da chegada dos europeus.

A proposta de Oswald de Andrade, ainda que não tenha tido o mérito de deixar que os próprios ameríndios falassem, aprofunda a discussão sobre as narrativas indígenas e



conduz para um primeiro aceno decolonial, ao propor a sociabilidade indígena, seus ritos e sua visão de mundo como formas para se pensar a cultura e as artes brasileiras por um olhar inclusivo, matriarcalista, que processa uma vingança criativa em relação ao colonizador, ao devorá-lo criticamente, não para apagá-lo, mas para transformá-la de uma forma mais simétrica, com o aumento da potência dialógica. Ainda que o colonizador permaneça, não se renuncia à possibilidade de outros modos de ver.

Como proposta epistemológica, a antropofagia permite uma compreensão complexa do tecido cultural, sugerindo pensar por meio das aberturas presentes no que está aparentemente uno, com a percepção dos nós, ou conflitos envolvidos em cada trama de que as narrativas são compostas, como pontos de vista que re-velam os fenômenos por meio de brechas. Considerada horrenda pelos europeus, ao ser ponto de relevo na proposta oswaldiana, reconhece a bravura dos tupinambás não como algo animalesco, mas como processo de interação e sociabilidade.

Como poética, a antropofagia propõe misturar, incluir, envolver, destecer e re-tecer o diverso, abrir e descosturar os pontos, para tornar a urdidura mais diversificada, a trama mais complexa e dialógica, ainda que com imensas dificuldades nessas combinações que não excluem o choque e o conflito, pois é só ao reconhecer a combinação do diverso que compreendemos as incoerências e verdades (nunca unas) de que tudo é composto.

## Referências

Andrade, Oswald. (1992). *Estética e política*. São Paulo: Globo.

Andrade, Oswald. (2011). *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo.



Andrade. Gênese (Org). (2022). *Modernismos 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras.

Azevedo, Beatriz. (2018). *Antropofagia: Palimpsesto selvagem*. São Paulo: SESI.

Boaventura, Maria Eugenia (org.). (2000). *22 por 22: A Semana de Arte Moderna Vista pelos Seus Contemporâneos*. São Paulo: Edusp.

Botelho, André. (2020). O modernismo como movimento cultural: Uma sociologia política da cultura. *Lua Nova*, São Paulo, n. 111, p. 175-209, 2020.

Lima, Luiz Costa Lima (1991). Antropofagia e controle do imaginário. In: *Pensando nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco.

Roda Viva. (2022). Ruy Castro. *YouTube*, 7 fev. 2022. Disponível em: <https://cutt.ly/iGdWBCF>.

Silva, Míriam Cristina Carlos. (2007). *Comunicação e cultura antropofágicas: mídia, corpo e paisagem na erótico-poética oswaldiana*. Porto Alegre: Sulina.

Silva, Míriam Cristina Carlos. (2009). *A pele palpável da palavra: a comunicação erótica em Oswald de Andrade*. Sorocaba: Provocare.

Silva, Míriam Cristina Carlos. (2010). Contribuições de Iuri Lotman para a Comunicação: sobre a complexidade do signo poético. In: FERREIRA, Giovandro Marcus et al. *Teorias da Comunicação: trajetórias investigativas*. Porto Alegre: EdIPUCRS.

Veiga, Edison. (2022). Afinal, a Semana de Arte Moderna foi tão importante assim? *DW*, 2 fev. 2022. Disponível em: [Afinal, a Semana de Arte Moderna foi tão importante assim? – DW – 11/02/2022](#).